



RELATOS DE UMA APRENDIZAGEM

Elma Passos dos Santos

Trabalho realizado sob a orientação da Prof^a
Dra. Edith Derdyk, em exigência, para a
obtenção do certificado de especialista, como
concluinte do curso de Pós-Graduação Lato
Sensu "Caminhada como Método para a Arte
e a Educação"

setembro
2020

RESUMO

Esse é o trabalho de finalização da Pós Graduação Caminhada como Método para a arte e educação. O que trago aqui é o relato de meus aprendizados dos últimos 18 meses. Iniciei essa pós com a intenção de experienciar um aprendizado diferente. E é o que está acontecendo. Esse curso trouxe vivências com proposições diferentes onde do aprendizado surgiram expressões artísticas. Esse projeto vem do amor e gratidão pela Pachamama que carrego em mim. Assim, brotou o desejo de aprender com a

cultura indígena brasileira. E me lancei a pergunta: O que podemos aprender com os povos indígenas?

Tudo aconteceu neste momento em que as mazelas do Brasil estão sendo ressaltadas pela quarentena do Covid: desigualdade social, racismo, priorização do interesse de grandes corporações, restrições das minorias: pobres, negros e indígenas. O desmatamento da floresta amazônica, Mata Atlântica, leis que absolvem garimpeiros, mineradores e latifundiários. A manutenção da sociedade capitalista em detrimento da continuidade da natureza do planeta Terra. A relação com o planeta, nossa casa, tempo, família, crianças, idosos. O viver para o trabalho, as relações financeiras, relações de poder, a violência e a opressão. O mergulho na cultura indígena me trouxe revelações maravilhosas que dizem muito sobre mim. Sobre o que eu sinto, quem eu sou e como a experiência de aprender através da experimentação é gratificante e incansável. Assim, surgiram algumas expressões artísticas muito próprias.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizado. Percurso. Ancestralidade. Povos Indígenas.

Mapeamento da experiência de aprendizado.

ABSTRACT

This is the final job of the Post-Graduation Walk as a Method for art and education. What I bring here is an account of my learnings from the past 18 months. I started this post with the intention of experiencing a different learning. And that is what is happening. This course brought experiences with different propositions where artistic expressions emerged from learning. This project comes from the love and gratitude for Pachamama that I carry in me. Thus, the desire to learn from Brazilian indigenous culture grew. And I asked myself the question: What can we learn from indigenous people?

It all happened at a time when Brazil's ills are being highlighted by Covid's quarantine: social inequality, racism, prioritizing the interest of large corporations, minority restrictions: poor, black and indigenous. The deforestation of the Amazon rainforest, the Atlantic Forest, laws that absolve miners, miners and landowners. The maintenance of capitalist society to the detriment of the continuity of the nature of planet Earth. The relationship with the planet, our home, time, family, children, the elderly. Living for work, financial

relationships, power relationships, physical violence and oppression. The immersion in the indigenous culture brought me wonderful revelations that say a lot about me. About what I feel, who I am and how the experience of learning through experimentation is rewarding and tireless. Thus, some very unique artistic expressions emerged.

KEYWORDS : Learning. Route. Ancestrality. Indian people. Learning experience

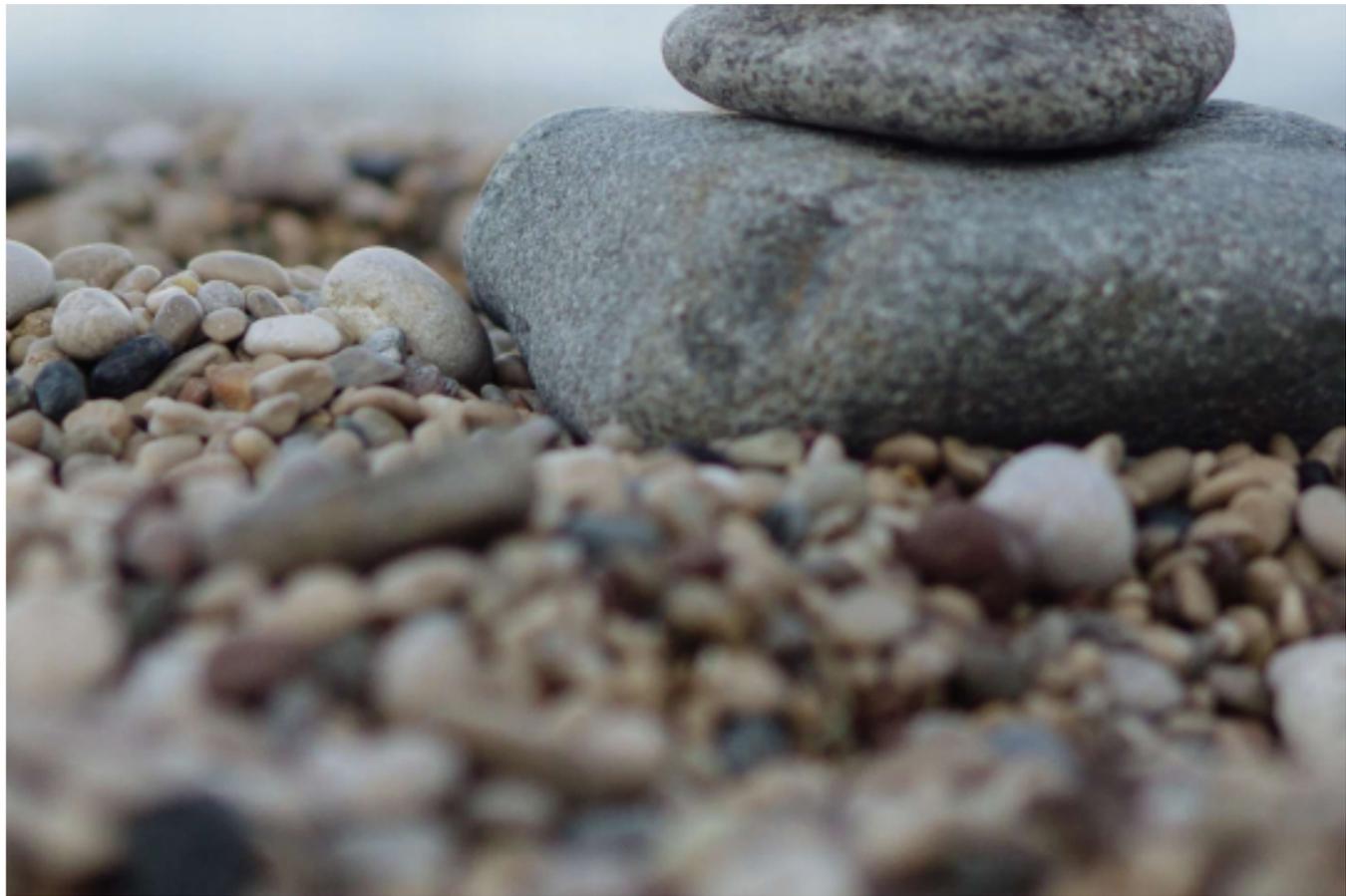
mapping.

Sumário

Como cheguei até aqui	7
Meu percurso	8
E então eu Cheguei nas Runas	14
A descoberta do Tema	19
Pintura na pele	25
O que estou aprendendo.....	28
Considerações Finais	39
Citações	40
Anexos	41
Referências Bibliográficas	43

Relatos de uma aprendizagem





Como cheguei até aqui

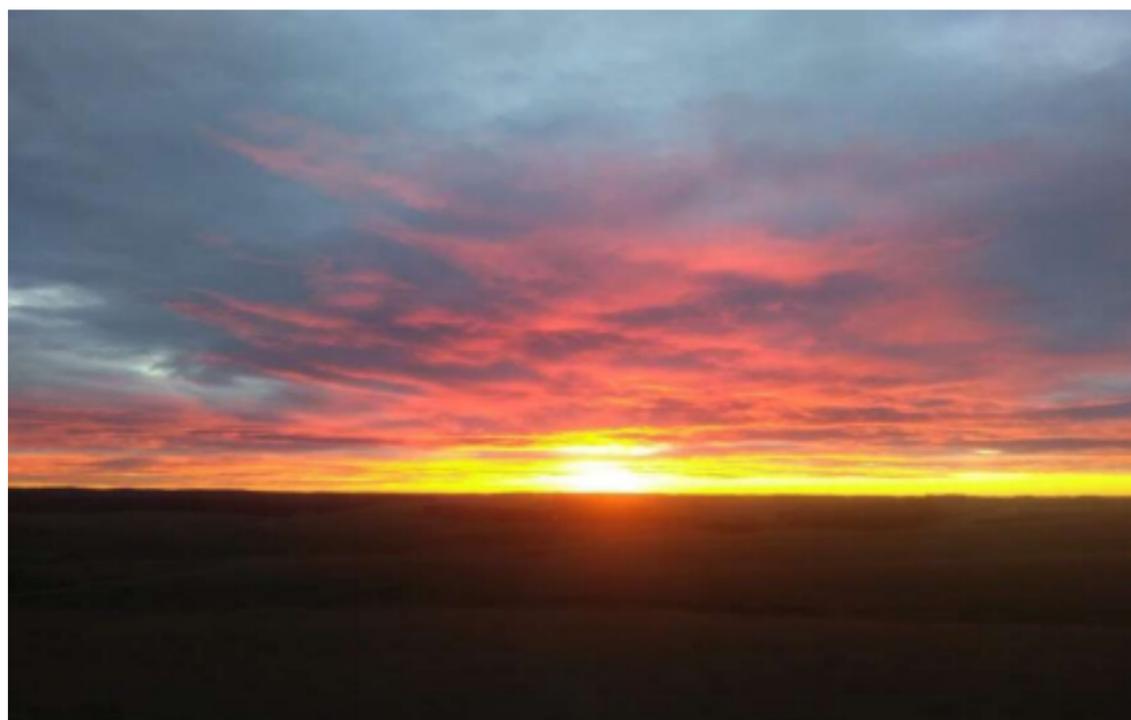
Minha experiência educacional

O que trago aqui é o relato de meus aprendizados dos últimos 18 meses.

Iniciei essa pós graduação com a intenção de experienciar um aprendizado diferente. E é o que está acontecendo...



Oca da SerrinhaFigura 1



Como cheguei até aqui

Tenho 42 anos e dois filhos adolescentes (18 e 16 anos), com quem eu aprendo muito, na prática e diariamente.

Trabalho em uma escola técnica com uma proposta de educação diferenciada, onde o aluno é protagonista de sua aprendizagem.

Trabalhamos a partir da ideia de que o aluno deve ter autonomia em seu aprendizado, de que o professor não é o único detentor do conhecimento e o aprendizado não está restrito ao espaço escolar.

Porém meu histórico de estudo é bem diferente disso...

Fui aprendiz e aluna do curso técnico da área gráfica no SENAI nos anos 90, já atuando na indústria, me tornei bacharel em Administração de Empresas. Atuando na educação de cursos gráficos em uma escola técnica fiz pós graduação e MBA em marketing, processos de produção, design instrucional e finalmente na área educacional. Alguns cursos foram na forma presencial e outros EAD, mas sempre em instituições tradicionais.

Tive contato com outra forma de aprendizado, quando meus filhos foram para a escola, e escolhemos a educação por projeto. E isto me abriu a mente, para esta maneira de aprender.

Voltando ao meu trabalho atual, eu tinha uma angústia: Como eu poderia promover esta educação diferenciada, sem tê-la vivido?

Neste caso a pós graduação “Caminhada como método para a arte e Educação” na Casa Tombada caiu como uma luva.



Meu percurso

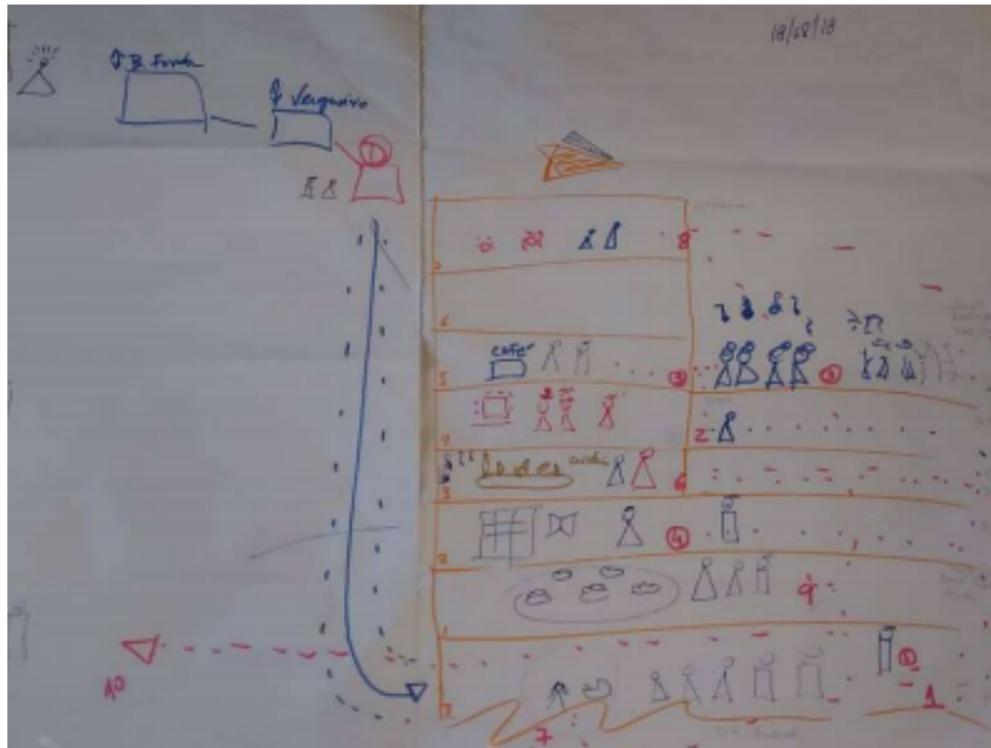
Sou de uma família muito simples, pais nordestinos que vieram da roça “tentar” a vida em São Paulo, nos anos 70, na época da industrialização brasileira. Eles encontraram trabalho, mas não encontraram oportunidade de estudar. Mesmo assim, reconheciam a importância do estudo: meus pais estimularam suas 4 filhas pra escola a estudar para “vencer na vida”, para eles vencer na vida é ter um bom emprego. Eles incutiam em nós que estudar era a forma de ter um bom emprego, ainda bem que todas nós tínhamos gosto para o estudo. Assim, como apresentei anteriormente, meus estudos foram sempre na linha da educação para o trabalho. Ou seja, estudava para ser uma operária melhor, e pra isso o estudo sempre me foi útil. Embora eu gostasse muito de estudar, de descobrir novas verdades, de conhecer novos mundos, de questionar e refletir.

Foi atuando na educação profissional, formando jovens e adultos para o mercado de trabalho, que eu descobri que a educação não é só para o trabalho. Que a educação deve formar cidadãos não só para a esfera econômica, mas nos âmbitos político, filosófico e ético. A educação pode e deve ser libertadora e libertária, pode e deve tornar cidadãos cientes de seu papel no mundo, não só como operários, mas como protagonistas de um mundo melhor. De uma sociedade melhor mais coletiva e menos individualista, e isso confronta com os interesses capitalistas, por isso houve e há tantas perseguições.

Eu nunca parei de estudar, meus estudos sempre foram pra complementar

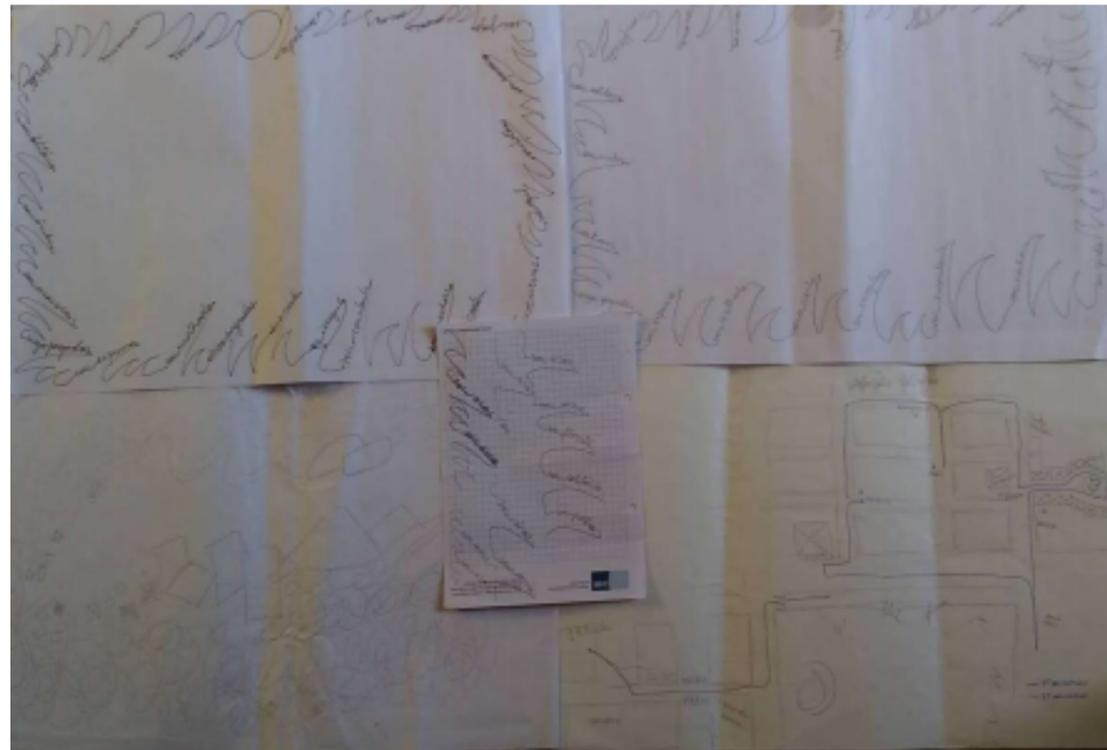
o meu currículo, nas linhas de meu interesse de atuação profissional. Atualmente, estou com a vida profissional estababilizada, e pude me permitir um aprendizado diferente através da pós graduação “Caminhada como método para a arte e educação”. Embora, também acreditasse que essa experiência melhoraria minha atuação profissional, pois também viveria a proposta colocada aos nossos alunos. Essa pós graduação me permitiu o conhecimento pelo sabor da experimentação. Esse aprendizado, me colocou numa condição diferente: pela primeira vez, não sou o “destaque” da turma pela minha inteligência, como sempre fui. Ela toca onde não conheço, não domino, não tenho dom: “a expressão pela arte”. No final, ela não me dá um título de especialista, mas está me permitindo uma transformação interna em relação ao aprendizado, algo que tentarei expor aqui, através da descrição de meu processo de aprendizagem

Na primeira aula, por conta de um evento profissional, não pude participar da caminhada proposta, e por isso relatei o processo de ir para o evento. Veja a imagem gerada dessa proposta: quadrada, reta, impessoal, sem sentimento, bem processual, icônica.



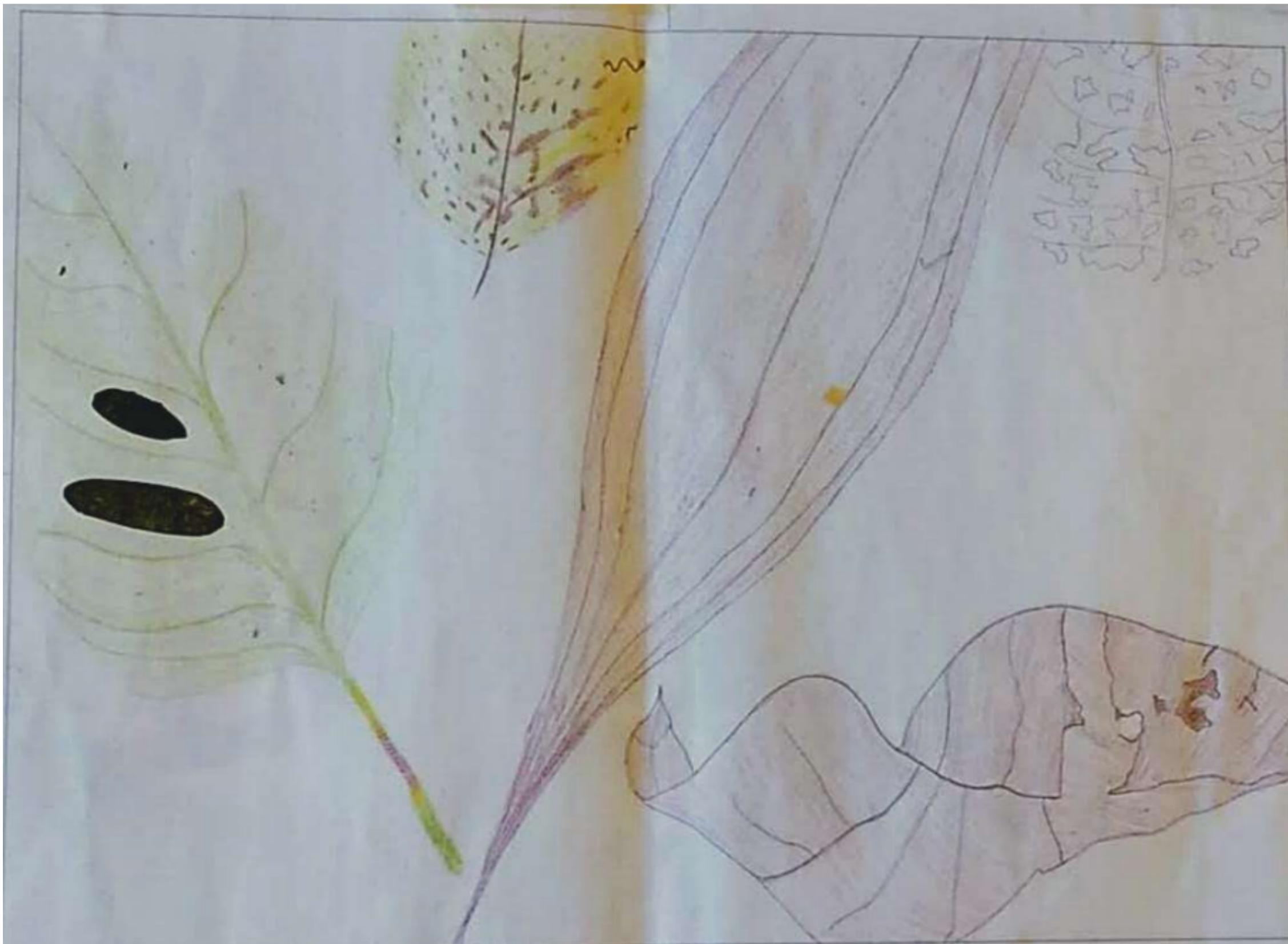
Produção da primeira aula

O primeiro ponto era a forma desse curso: aprender através da caminhada e numa casa. Como assim? O aprendizado sempre tinha sido em escolas de prédios convencionais, com salas de aulas e carteiras, ou oficinas onde se simulava um ofício. Agora a caminhada trazia proposições, não eram caminhadas pra se chegar em um ponto, mas para ver, observar, refletir sentir. E exprimir através da arte: da escrita, desenhos e fotografias, o processo. A caminhada tinha proposições e seu processo tinha maior importância, do que seu fim. Assim, as coisas foram mudando com nossas caminhadas, a pracinha, as palmeiras, os desenhos, nossa imersão Kaisá ...



Relatos de uma aprendizagem

Fui soltando a mão, deixando a experiência me levar...



Minhas produções foram mudando, lentamente...como foi com o mundo ...Comecei a representar como eu sentia, e não mais só como eu via :





Relatos de uma aprendizagem

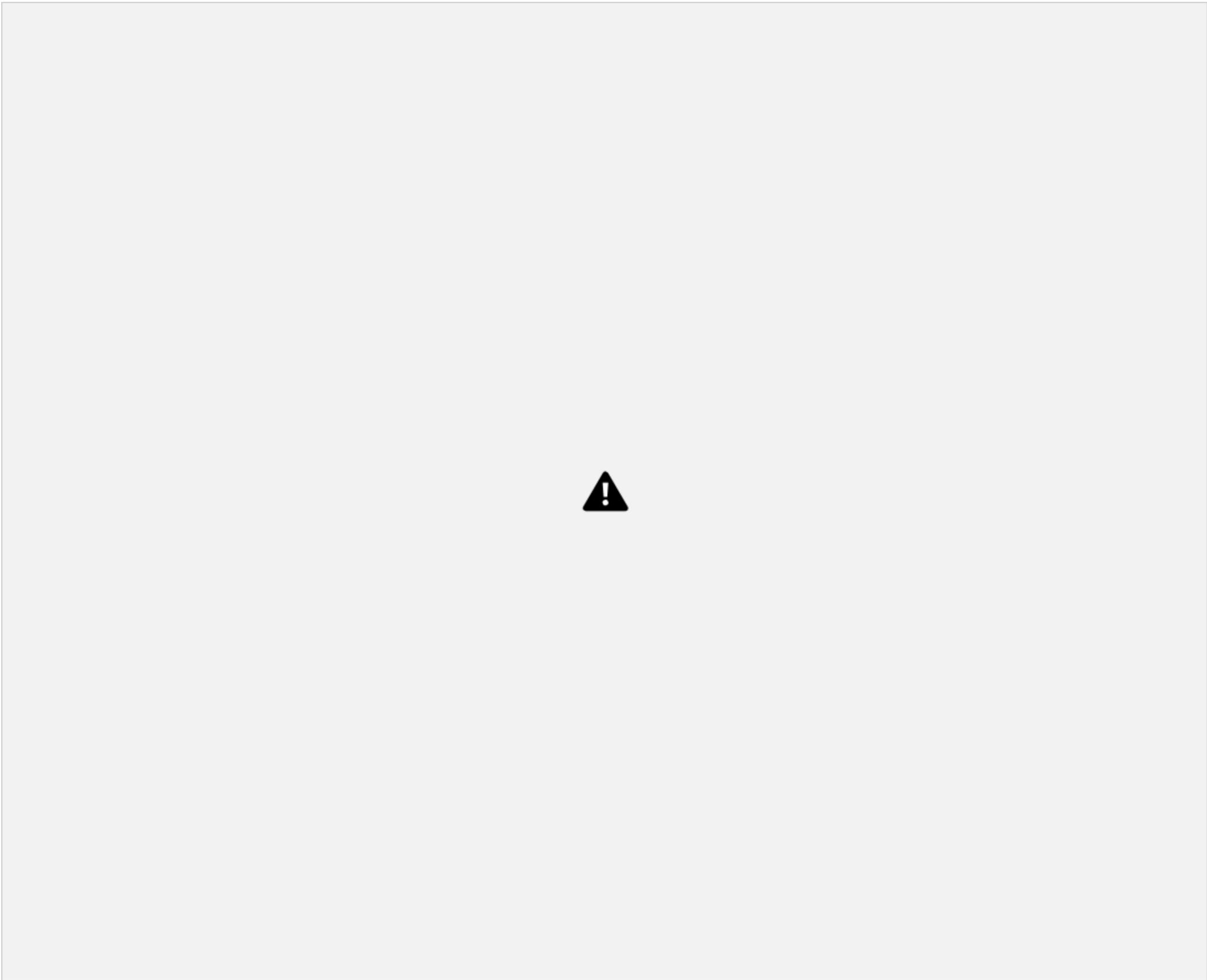
A primeira imersão na cidade resultou nestas inúmeras imagens, eu não consegui escolher e seleccionar, imprimi quase tudo





Relatos de uma aprendizagem

As caminhadas seguintes resultaram em menos imagens e mais detalhes



Relatos de uma aprendizagem

Novas produções foram surgindo



Neste mesmo tempo fiz duas viagens pela América Latina, e fiquei encantada com o conhecimento do povo andino e da cultura Inca. Sua relação com a natureza, com a Pachamama, seus rituais, suas crenças, seu conhecimento e o partido que tiravam dos recursos naturais. Tudo isso me faziam querer conhecer mais destes povos originários.

Logo que retornei encantada de uma das viagens, a nossa aula coincidiu com um ritual indígena na Casa Tombada, e os dois indígenas me trouxeram imagens muito familiares: a vovó Bernal me lembrava minha avó materna, Alice e o artista indígena Jaider Esbell me fazia lembrar meus tios.

Durante o ritual percebi que toda a busca que eu tinha com os povos originários, estava ali, embaixo do meu nariz: o povos verdadeiros do Brasil. Eles também tinham a característica que me encantava tanto: a comunhão com a natureza. E em relação a este povo havia outra característica muito importante: a minha ancestralidade, minhas bisavós eram indígenas, que foram forçadas a se casar com homens brancos.

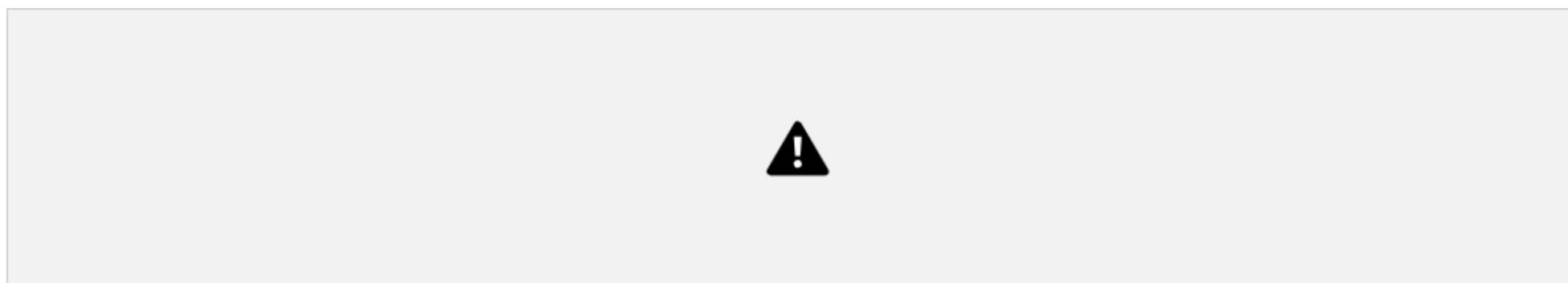


Eu estava em busca do tema de meu projeto, ele foi vindo aos poucos. Quando ele brotou em mim, foi realmente como uma semente, que vai brotando. Fui cavoucando aqui, ali, joguei a semente, reguei, aguardei com paciência, e de repente brotou o projeto. Vovó Bernal me inspirou: o ritual, a fumaça, as danças, o som das maracás, me levaram ao resgate de minhas raízes. Tudo isso me tocou muito fundo, e me levou para um lugar esquecido, um lugar dos meus antepassados. Foi como se me tirasse a venda dos olhos. Quando descobri o que queria pesquisar, o tema de meu projeto fez todo o sentido para mim.

E veio uma sede por saber mais a respeito, por experimentar. Fui reunindo livros, filmes, vivências, nomes de referências indígenas, tribos daí surgiu um mapa conceitual, do que eu pretendia estudar, nesse vasto universo indígena. Clicar no link, para ver a construção do mapa:

https://www.goconqr.com/pt-BR/mind_maps/23383772/

Relatos de uma aprendizagem





indígena' que deve ser visto melhor através do link: https://www.goconqr.com/pt-BR/mind_maps/23383772/

Relatos de uma aprendizagem

fotos que ilustram esse trabalho



Estes são registros da Pintura Indígena que fiz em minha própria pele durante uma oficina com indígenas de uma tribo guarani. Essas pinturas foram feitas com o uso do jenipapo e urucum

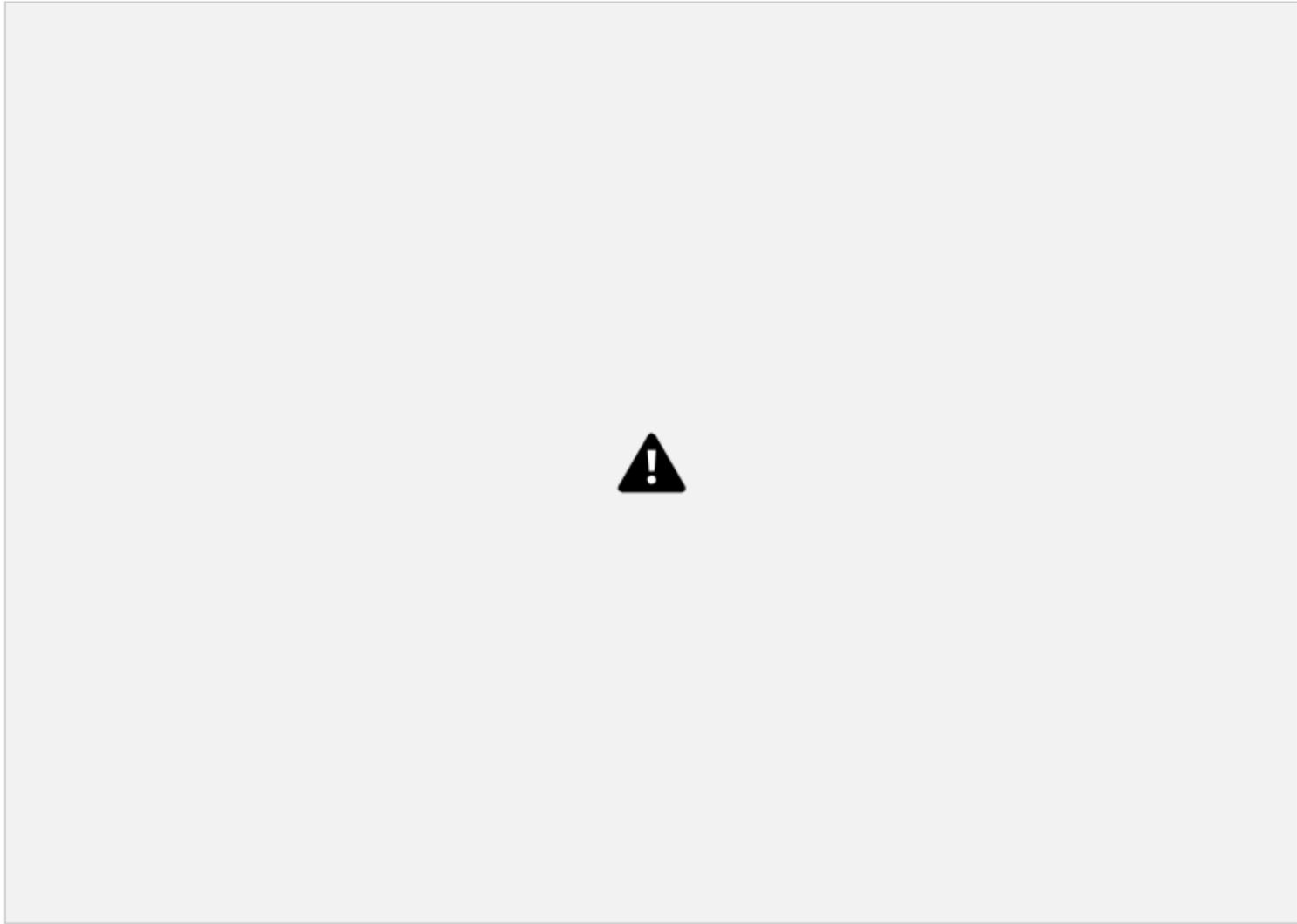


Desenhos sobre a minha pele com jenipapo e urucum



Relatos de uma aprendizagem

Veio o isolamento devido à pandemia, e no primeiro final de semana da pandemia, montamos um Jardim de verão, em uma área externa de minha casa. Onde instalei uma rede (elemento tão presente nas tribos indígenas), sob as palmeiras para ser um dos portos para as minhas leituras. As Palmeiras foram um de meus pontos de interesse desde o início.





¹ termo usado para fazer referência ao livro “Meu querido Canibal”, Antônio Torres.

Relatos de uma aprendizagem

Ainda bem que tinha sob minha custódia alguns livros sobre a Cultura indígena, que havia emprestado na biblioteca, e não sabia quando arranjaria tempo para ler. Por conta do isolamento tive tempo para devorar¹ esses livros.



Relatos de uma aprendizagem

¹termo usado para fazer referência ao livro “Meu querido Canibal”, Antônio Torres.



Com o isolamento a minha relação com o tempo passou a ser outra, e fui devorando esses livros com a fome de um Canibal¹. Me preparando para chegar no prato principal, que era o livro A queda do céu, mas antes dele vieram outras experiências que formaram o alicerce para ele. Plantei ervas e temperos em uma horta vertical no meu quintal, pude cuidar das Palmeiras que herdei, e nunca tinha tido tempo para me dedicar a elas. Experimentei a pintura indígena na pele do meu filho.





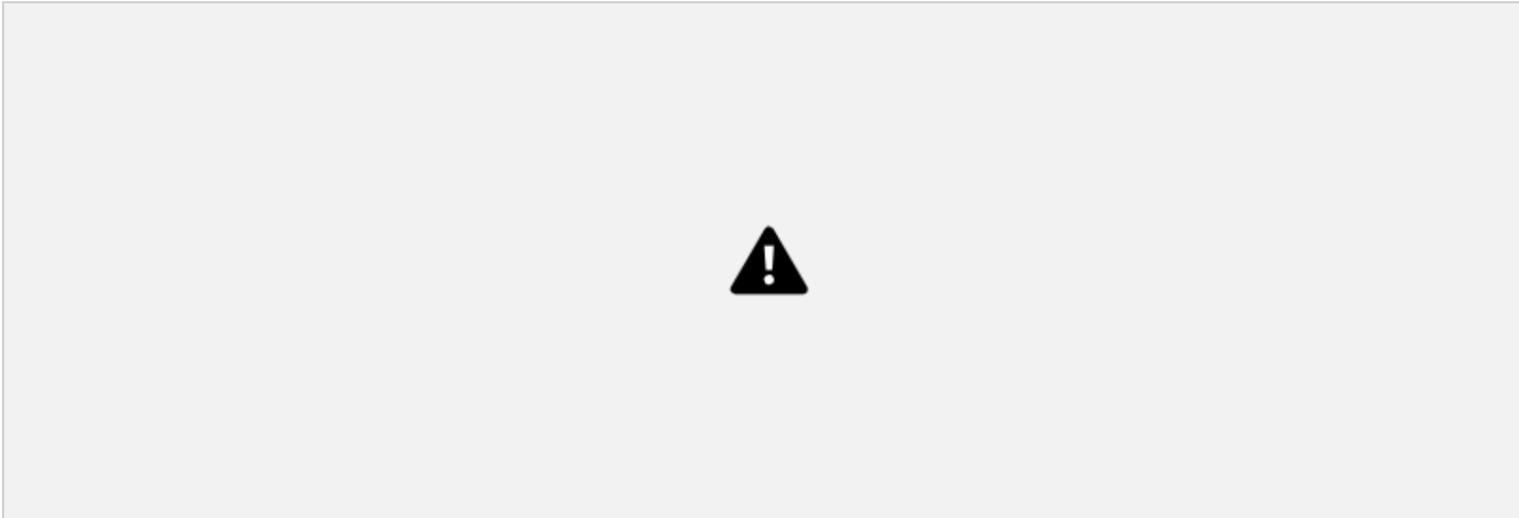
Pintura na pele

A pintura Corporal está presente na maioria dos rituais indígenas, tem o objetivo de cura e proteção.



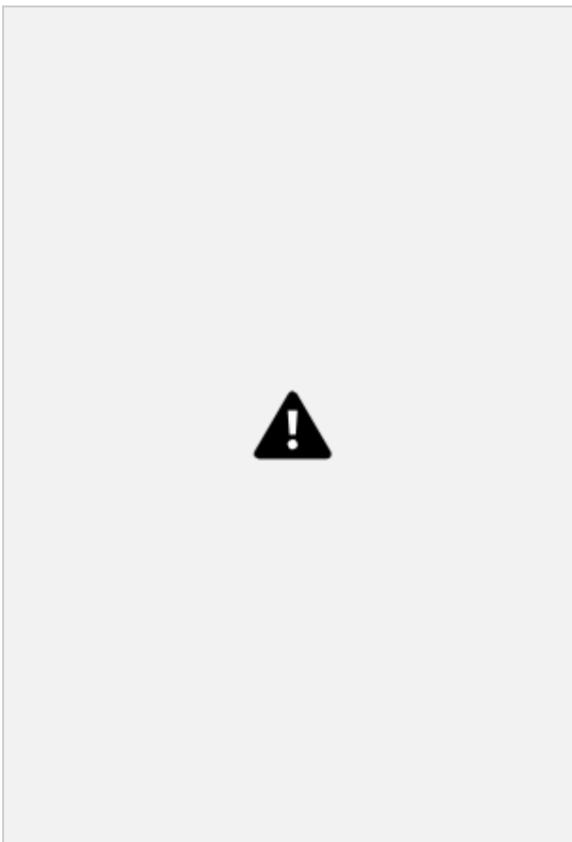
Relatos de uma aprendizagem

A Pintura indígena pode ter vários objetivos: de embelezar, de simbolizar uma passagem, um ritual, e de proteger. São várias etnias que utilizam esse tipo de pintura, a oficina que fiz, foi com o indígena Imby Mirim da tribo guarani: Tekoa Tapirema. Preparamos a tintura preta com a mistura do jenipapo com o carvão e o vermelho do urucum . Devido à quarentena o acesso a mercadões e feiras livres ficou restrito, assim aproveitei estes materiais que restaram da oficina, o urucum era pouco, e como o fruto já estava aberto na pele do Bruno ficou laranja, e não vermelho. E ambos foram suficientes somente para uma única pintura. Escolhi um grafismo da tribo Pataxó, realizei ela primeiramente no papel, com a ajuda de régua e esquadros para ficar bem paralela e harmônica.



Referências de pinturas Tapaxós

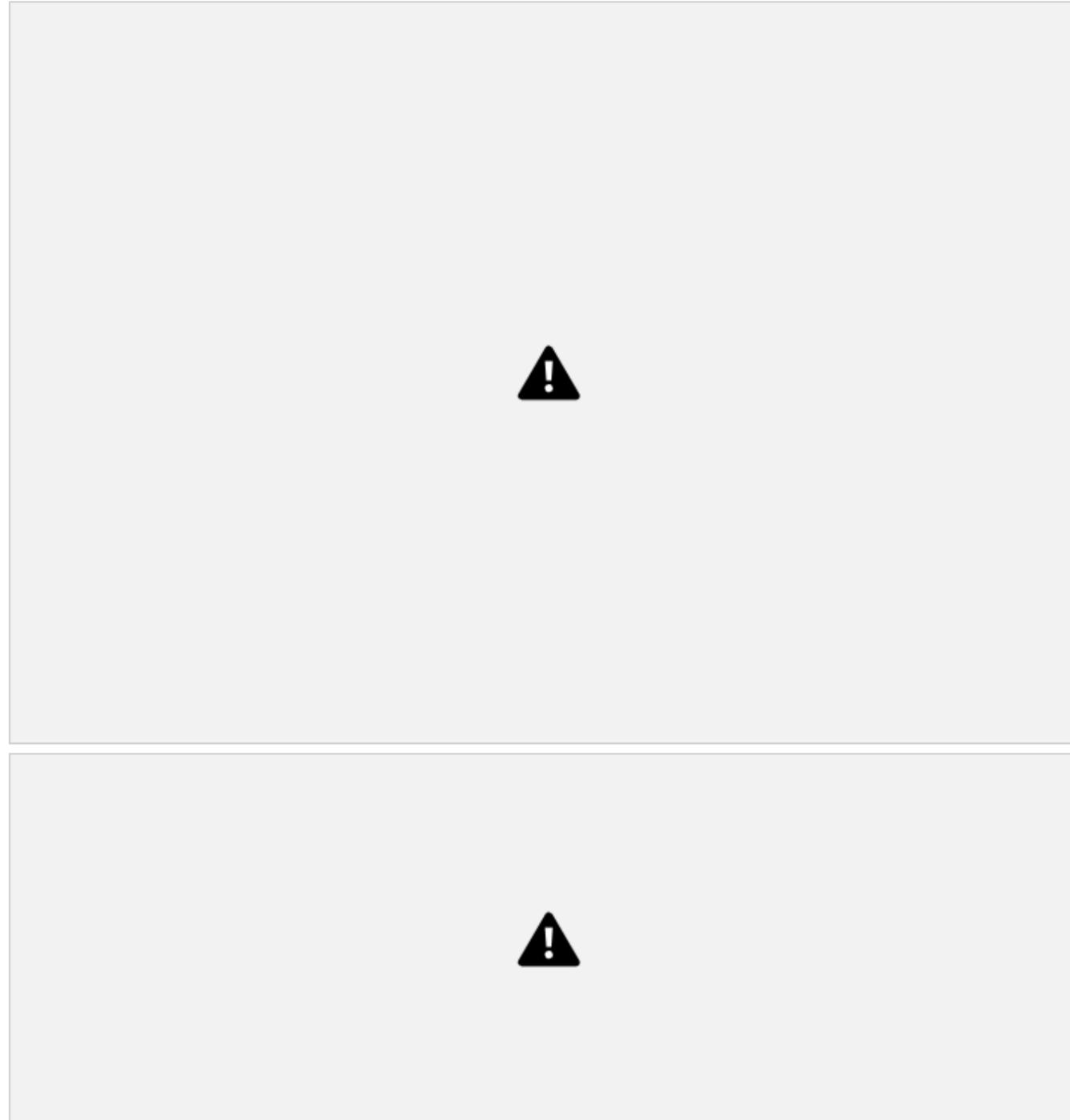
No dia seguinte, fiz uma das pintura nas costas de meu filho. Escolhi fazer na pele dele, por ele ser moreno, e o tom de pele ser mais próximo da cor dos indígenas. Enquanto minha filha tem a pele branca. Minha família é assim, o resultado da junção e de um branco (descendência portuguesa) e um moreno (descendência indígena). Ver representação da genealogia de minha família.



Escolhi um grafismo que cobre as costas completa, ela só pode ser feita em adultos. Para os indígenas de uma maneira geral, a maturidade vem muito cedo, as meninas assim que menstruam já podem se casar e os meninos assim que passam pelo ritual: Kae Kae. Meu filho é um adolescente de 16 anos, está começando a ter barba e desde o ano passado foi estudar em uma escola no Rio de Janeiro, onde passou a estudar e a morar no dormitório da escola, que abriga alunos de todo o Brasil, eles são originários de todos os 23 estados do país, e isso permite uma grande troca cultural. Foi uma escolha que representa muita maturidade.

A pintura é realizada com um palito de bambu, e feita diretamente sobre a pele, sem um rascunho prévio. Geralmente o pintor vai conversando e fazendo, segundo Imbi Mirim, às vezes ele tem um sonho com alguma figura. Mas na maioria das vezes a pintura vai acontecendo enquanto ele está fazendo, não há um modelo prévio,

ele vai pintando aquilo, que vai surgindo.



O que estou aprendendo

O que podemos aprender com os povos indígenas? era a minha pergunta inicial. O que eu aprendi com os povos indígenas em pleno isolamento social essa é a minha resposta. Sempre achei que tudo estava interligado mas hoje vejo que quem vê as interligações, somos nós.

Nesse período de isolamento mergulhei em alguns livros sobre o assunto, vídeos, cantos, conversas, depoimentos, documentários. Mas, devido à pandemia, outras situações foram possíveis de serem vivenciadas, como a

pintura indígena na pele de meu filho, vivenciar o artesanato dos indígenas com bambu ou filtro do sonho, com mandalas, com pinturas em materiais naturais, outros suportes. Optei por retratar as crenças, personagens de contos, trechos da leitura, em suportes diversos, que não “a pele de papel”¹. Como uma cabaça, folha de bananeira, peles de peixe, bambu, argila. O que trouxe uma experiência diferenciada para o meu trabalho.

Vivenciei viagens incríveis em transes de yãkoana, por florestas densas, carregada por xapiris sem sair da rede, nas páginas do livro A queda do Céu. Ora, me revoltando com os brancos que subjulgaram, escravizaram, monopolizaram, torturaram, mataram e continuam matando os povos indígenas

há 1520 anos. Como ainda fazem com os índios, negros e pessoas humildes nos dias atuais.

Ora me envergonhando por ser branca, na sociedade capitalista, que nunca se interessou pela cultura desse povo sofrido, subjulgado, mesmo tendo também descendência indígena por parte de avós paternos e maternos. Ora me abismando com esse governo tão incompetente, despreparado, sem moral e sem ética que está à frente desse país. Todo dia, ouvindo um absurdo que encobre o do dia anterior. Mesmo assim, estou feliz por minhas descobertas, por aprender sobre cosmogênias³ (a própria significação dessa palavra é uma descoberta) tão diversas e complementares, por reconhecer povos tão simples e de tão grande sabedoria. Por conhecer grupos que reconhecem o ser em detrimento do ter. Que se reconhecem como seres, parte de um ecossistema com o mesmo valor dos demais: fauna e flora. Contudo, esses seres da Terra reconhecem os demais seres florestas, pássaros, peixes, animais terrestres, plantas, rios, terra como seus irmãos. Eles não dissociam os ser “humano” da natureza. Eles não conseguem entender a natureza, como algo à parte, separado. Muito menos tem o desejo de dominá-la.

Esse povo da floresta, sempre viveu em perfeita comunhão, dentro de sua aldeia, sua tribo e com membros de seu hábitat: a floresta. Se alimenta da floresta, se protege, se embeleza e se cuida através de tudo o que se encontra à sua volta. Mas, de maneira genuinamente sustentável. Retirando o alimento, mas também

Relatos de uma aprendizagem

plantando. Cuidando e preservando genuinamente os rios, solos e animais. Vivendo sob as condições que esse ambiente oferece, ora hospitaleira e ora inóspita. Sempre sendo parte e nunca à parte, nem superior, nem inferior. O senso de comunidade espiritualidade e ingenuidade permanece.

Angela Pappiani, cita em seu livro Povo verdadeiro que essa terra tinha 5 milhões

de pessoas indígenas, de mais de mil etnias diferentes. No processo de formação do Brasil, desapareceram para sempre cerca de 800 povos com toda a sua história, filosofia, línguas, religião, arte e experiência de vida. Hoje, sobrevivem no país cerca de 220 etnias, com 180 idiomas e apenas 750 mil indígenas, população que vinha crescendo nos últimos períodos, mas que agora é uma das populações mais atingidas pelo COVID. É claro que precisaria de muito tempo para ter uma abrangência de pesquisa maior, assim me limitei aos livros apresentados na página 20, relacionados na bibliografia no final deste trabalho.

A partir daí, a caminhada deixou de ser com as pernas, para ser com a imaginação. Através das peles de imagens², em minha casa cercada por meus filhos, meu amor e na divisão do tempo com o meu trabalho. Desde o início da pesquisa, eu já havia lido 3 livros: Povo verdadeiro, Vocês brancos não tem alma e Nós. Pouco antes do isolamento eu estava lendo “A terra dos mil povos: história indígena brasileira contada por um índio”, no meu percurso entre casa e trabalho. Mas sempre tinha que voltar atrás, porque era difícil de ler este livro, o início é bem complexo, mas comecei a ler novamente, e fui fazendo um esquema, criando um mapa mental para registrar, e explicar melhor a cosmogenia³ Guarani contada pelo Kaká Werá Jecupé. E assim ficou mais fácil de entender e capturar a estrutura apresentada pelo Kaká no livro (JECUPÉ, 1998), clicar no link para o mapa conceitual demonstrado abaixo. Acessar através do link:

https://www.goconqr.com/pt-BR/mind_maps/23506546/

¹pele de papel referência ao termo usado por Davi Kopenawa quando se refere aos livros

²peles de imagens referência ao termo usado por Davi Kopenawa quando se refere aos livros e fotografias

³ Cosmogênia= modelo da existência do universo (crença da criação do universo por um povo)

Relatos de uma aprendizagem





Representação do mapa mental ‘Cosmogênia Indígena’ que deve ser visto melhor através do link:

https://www.goconqr.com/pt-BR/mind_maps/23506546/

Relatos de uma aprendizagem

Avançada a parte mais complexa dessa caminhada, mata adentro da leitura, com subidas, mata fechada, preocupação com picadas de insetos, cansaço, galhos, secos arranhando, som de animais desconhecidos. Eu cheguei numa clareira, que sensação gostosa: descobri a conexão da criação desses povos, de sua beleza, de sua sabedoria, seus pássaros e animais, seus rios, da poesia de seus ensinamentos. Que momento gostoso, da leitura. Sobre a tradição do sol, da lua e do sonho.

Não é fácil entender um raciocínio que não é linear e que forma um grande emaranhado, por conta da interligação e entrelaçamento das coisas. O pensamento indígena não está separado em caixas, em áreas, e adentrar essa mata, exige presença. No mapa mental apresentado, busquei organizar de uma forma um pouco lógica a criação do universo pela filosofia Guarani, da forma em que é apresentada por Kaká Werá (JECUPÉ, 1998). São várias as relações com os elementos, como apresentado no mapa mental. Mas, gostaria de destacar os

grandes Ciclos, na parte inferior do mapa. Com o 1º, 2º e 3º Grande Ciclo, na minha leitura estamos vivendo o 4º Grande ciclo. Kaká aborda, na página

último Grande Ciclo que a Terra viveu, o 3º e faz uma referência ao grande dilúvio, citado na bíblia, e citado também por Davi Kopenawa, como veremos mais à frente. Ele fala sobre a dificuldade desse tempo, pelo mau uso da humanidade do poder de criar:

“O ciclo Tupã foi o mais difícil para a mãe Terra, pois a humanidade quase se extinguiu, colocando em risco a dança sagrada da galáxia pelo mau uso que fez do criar. Tupã com reagiu limpando todo mal com O Sal da Terra. As águas abraçaram a Grande Mãe para que ela não morresse desse mundo.” “Tupã deixou a arte de criar e destruir. E os anciãos da grande tribo vermelha deixaram os meios os fundamentos e a sabedoria extraída de cada tempo antigo para que seus netos possam se erguer e seguir a caminhada sagrada da vida.” (JECUPÉ, 1998)⁴

Em “A terra dos mil povos”, Kaká Werá explica que “cada ciclo se entrelaça com os reinos da vida: mineral, vegetal, humano, supra humano e divino e se intercala em tons pelos três mundos que se entremeiam e formam o mundo que vemos. Pela leitura da natureza, a aranha ensina como funciona esse entrelaçamento e interlação de mundos que é o Mundo. Na sua tecetura estão escritos os princípios da Tradição”. (JECUPÉ, 1998)⁴

Mas, depois o duro caminho de volta com subidas tropeços e perigos: a invasão portuguesa e a dizimação de tribos inteiras que me trouxe, tristeza e revolta. Kaká traz de forma resumida a maneira como os portugueses dominaram cultural e brutalmente esse povo. No início comprando-os com presentes, mais tarde com seu poder de fogo ou colocando uns contra os outros. Com tanto espaço, com tanto território, o indígena acreditou que os napë⁵ que chegavam, eram somente mais um povo para habitar esse espaço. Eles pagaram caro por essa inocência. Os indígenas que sempre viveram em comunidade, não sabiam que era possível alguém se apoderar da terra, para explorá-la até o esgotamento. Quando esses índios se deram conta da maldade do homem branco, e tentaram se unir para se defender já era tarde. Kaká Wera traz esta passagem final, de uma forma muito poética: ele fala sobre como o tempo passa a ser diferente e como ele passa a ser contado sobre a perspectiva dos brancos.

“Quando chegaram as Grandes Canoas dos Ventos (as caravelas portuguesas), tentaram banir o espírito do tempo, algemando-o no pulso do Homem da civilização. Dessa época em diante, o tempo passou a ser contado

Aranha: entrelaçamento e inter-relação de mundos - Cultura Guarani de modo diferente. Esse modo de contar o tempo gerou a História, e mesmo a História passou a ser contada sempre do modo como aconteceu para alguns e não do modo como aconteceu para todos.” (JECUPE, 1998, p. 71)⁶ⁱ

Recomecei minha caminhada, adentrando ainda mais nessa floresta fechada e desconhecida, e por isso inóspita, quando comecei a ler Meu querido canibal, e o autor Antônio Torres (TORRES, 2000) trazia mais detalhes da fase da exploração dessa terra e de seu povo verdadeiro, pelos portugueses, franceses e espanhóis. Mas, principalmente pelos portugueses. Ele detalha essa fase contando um pouco mais sob a ótica dos indígenas, as poucas vitórias (infelizmente), e as inúmeras derrotas das batalhas travadas entre eles. Foi a parte da caminhada mais dura e pesada, cheia de pedregulhos escorregões que muitas vezes me fizeram chorar e me revoltar com tanta maldade, egoísmo, ganância, pobreza de espírito e oportunismo. Quando lemos sobre os valores que sobrepujaram a construção do Brasil, entendemos porque ele estava fadado a ser a nação que ainda é: uma

Relatos de uma aprendizagem

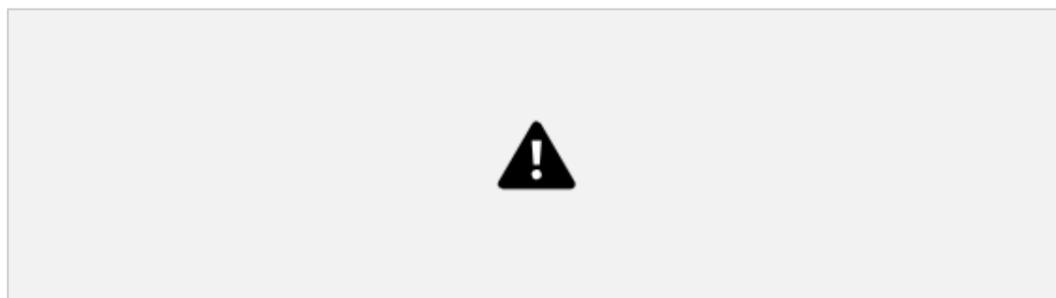
sociedade política repleta de mediocridade, desonestidade, falta de ética, repleta de atitudes inescrupulosas e subjugamento dos indefesos. Infelizmente nada mudou, ler tudo isso coincide com o momento político que estamos

vivendo. Nessa parte da caminhada o sentimento que começa a me dominar é de violência e revolta. Será que os espíritos indígenas guerreiros começaram a me influenciar? Será que o espírito do temido líder indígena Cunhambebe (o canibal que personifica o nome do livro), que com sede de vingança, estaria me influenciando nesta parte da caminhada?

⁵napê uma das nomações dada aos brancos pelos povos nativos

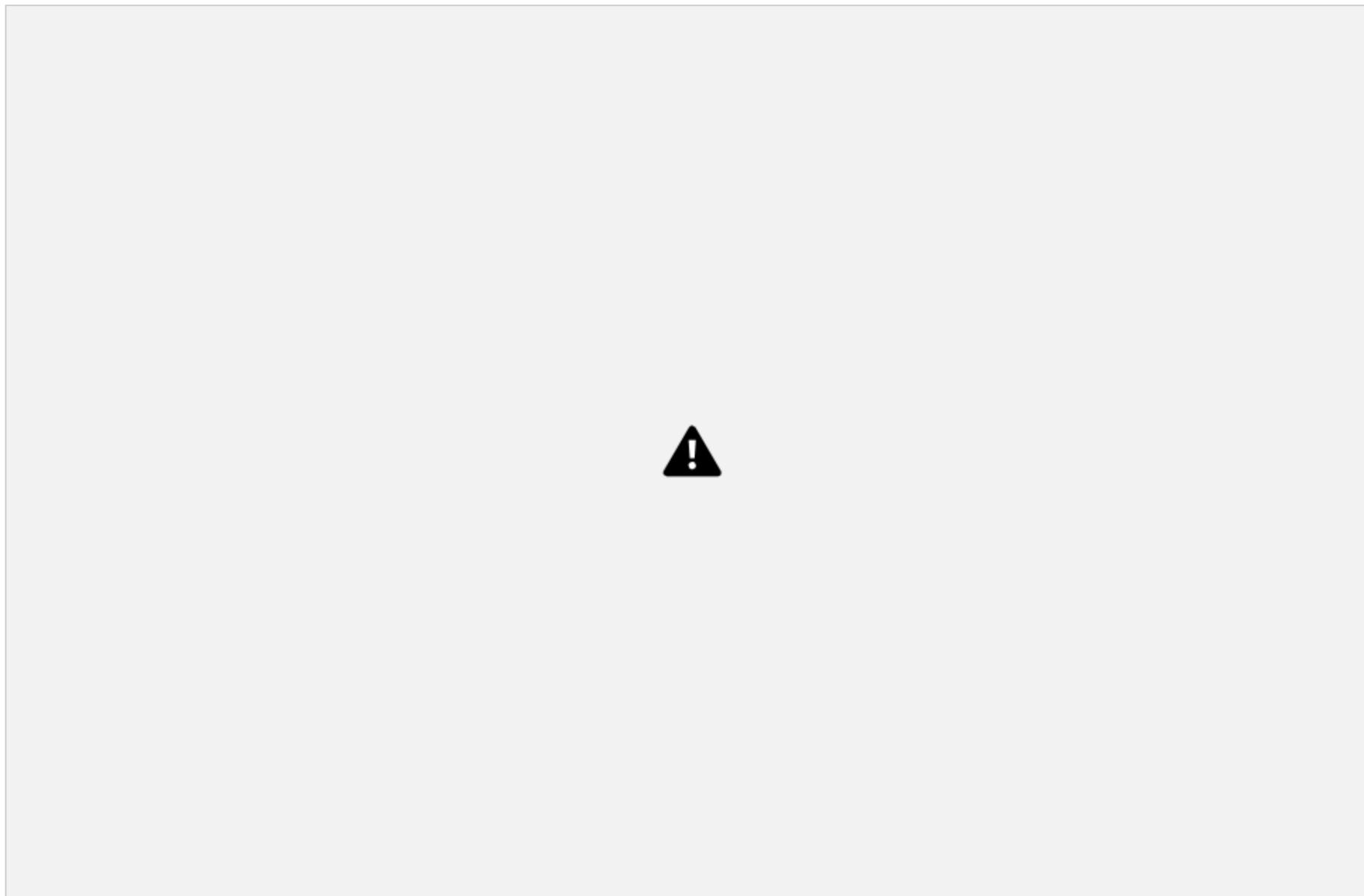


<https://cutt.ly/DdNpSU2>



Relatos de uma aprendizagem

Os indígenas brasileiros não entendiam de guerra, eles tinham conflitos com outras tribos, para disputa de terra ou de honra. Depois de mais de 50 anos, muita área perdida e muitas mortes e escravidão indígena. Aimbere, um chefe indígena valoroso, corajoso e ético entende que a união dos povos pode fazer a diferença e ele cria uma resistência: A Confederação dos Tamoios unindo os poucos indígenas guerreiros que restavam das tribos do litoral, eram os guerreiros da região de São Vicente a Cabo Frio, nos idos de 1554 a 1555.



Representação da Confederação dos Tamoios
Tinta sobre pele de Tilápia

Relatos de uma aprendizagem

Aqui a consciência de todas as mentiras que aprendemos nas aulas de história me decepcionou amargamente: Estácio de Sá, Men de Sá, Brás Cubas e outros homens que são homenageados no Brasil, que são nomes de ruas, de lugares, de praças, são homenageados por serem mártires, mas na verdade foram os carneiros que assassinaram milhares de indígenas. Com o auxílio fundamental de outros indígenas que traíram os demais, como Araribóia que teve como o pagamento por seu feito, as terras que hoje é a cidade de Niterói. Esse índio veio a ter honras de herói, por ajudar os portugueses a derrotar milhares de índios, passou a se vestir como os brancos e passou a se chamar Martim Afonso.



“Na guerra de Cabo Frio, os portugueses voltaram ao contar com a ajuda de Araribóia - o índio traidor dos demais indígenas- aliado de todas as grandes batalhas. Um dia o governador Antônio Salema mandou convidá-lo para um encontro o chefe dos “índios temiminós” atendeu ao convite. Ao chegar o anfitrião ofereceu-lhe uma cadeira, Araribóia sentou-se, cruzando as pernas. Achando isso uma falta de cerimônia o governador, através de um intérprete, fez sentir a sua desaprovação lembrando-lhe que estava em presença de um representante do rei. Araribóia mal contendo a cólera, retrucou no ato: - Se você soubesse o quanto tenho as pernas cansada das guerras em que servir ao rei, não estranharia por eu lhes dar agora este descanso. Mas, já que está me achando pouco cortês, eu vou embora para a minha aldeia, onde nós não damos importância a essas coisas. E, não voltarei mais à sua corte. No caminho de volta, Araribóia refletia sobre o abismo que os separavam. Depois de toda a sua dedicação aos colonizadores, de todo o suor e sangue derramado por eles, também por ser considerado um vencedor, como eles o eram e com o seu apoio, depois de tanto que fizera por eles. E apesar de haver passado a ter um nome como o deles e a vestir-se como eles, tudo continuava como dantes: índio era índio, branco era branco.”

Trecho retirado do livro: Meu querido canibal, pág. 60 (TORRES, 2000) ⁷

Representação de Araribóia vestido com roupas de branco

Eu já tinha despertado para o meu projeto, quando vi na programação do Sesc Paulista uma intervenção chamada: Outra Gente, seria uma apresentação durante a leitura de trechos do livro a Queda do Céu, que eu nunca havia ouvido falar, seguida de bate papo. Fui assistir sozinha, a montagem era muito simples: um tablado central forrado com tecido vermelho, que foi sendo preenchido por objetos, armas, produtos dos brancos, enquanto trechos do livro ia sendo lido. Ao fundo o som da floresta e uma fumaça, que me mergulhou ainda mais nesse universo e me despertou o desejo para a leitura do livro, intuitivamente.

“Foi Omama que criou a terra e a floresta, o vento que agita suas folhas e os rios cuja água bebemos. Foi ele que nos deu a vida e nos fez muitos. No começo, Omama e seu irmão Yoasi vieram à existência sozinhos. Não tiveram pai nem mãe.

Então, foi a vez de Omama vir a existir e recriar a floresta, pois a que havia antes era frágil, e virava outra sem parar, até que finalmente o céu desabou sobre ela. Seus habitantes foram arremessados para debaixo da terra e se tornaram vorazes ancestrais de dentes afiados.

Omama fixou a imagem dessa nova terra e esticou-a aos poucos, cuidadosamente. Em seguida, cobriu-a com pequenos traços apertados, pintados com tinta de urucum. Depois, para evitar que desabasse, plantou nas suas profundezas imensas peças de metal, com as quais também fixou os pés do céu. Sem isso, a terra teria ficado arenosa e quebradiça e o Céu não teria permanecido no lugar...”

Trecho da criação da Terra e do Céu, pag. 81 (KOPENAWA & ALBERT, 2015)⁸

Coincidentemente eu comecei a ler o livro *A Queda do Céu*, no dia 19 de abril de 2020. Nem havia percebido esse detalhe, só percebi quando naquela manhã de domingo, enquanto os meninos dormiam, fui iniciar minha leitura no jardim. Ao som dos pássaros, e ao pegar meu diário de viagem para registrar mais um dia dessa caminhada, percebi que se tratava de 19 de abril, me veio à cabeça a música: Todo dia, era dia de índio, busquei ela no deezer e apertei pra repetir. Obviamente, eu conhecia essa música, e sempre havia prestado atenção em sua letra e seu contexto, mas neste

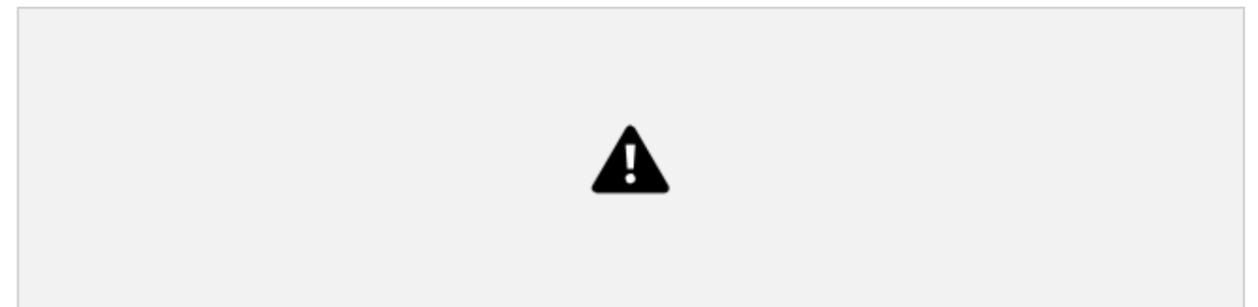
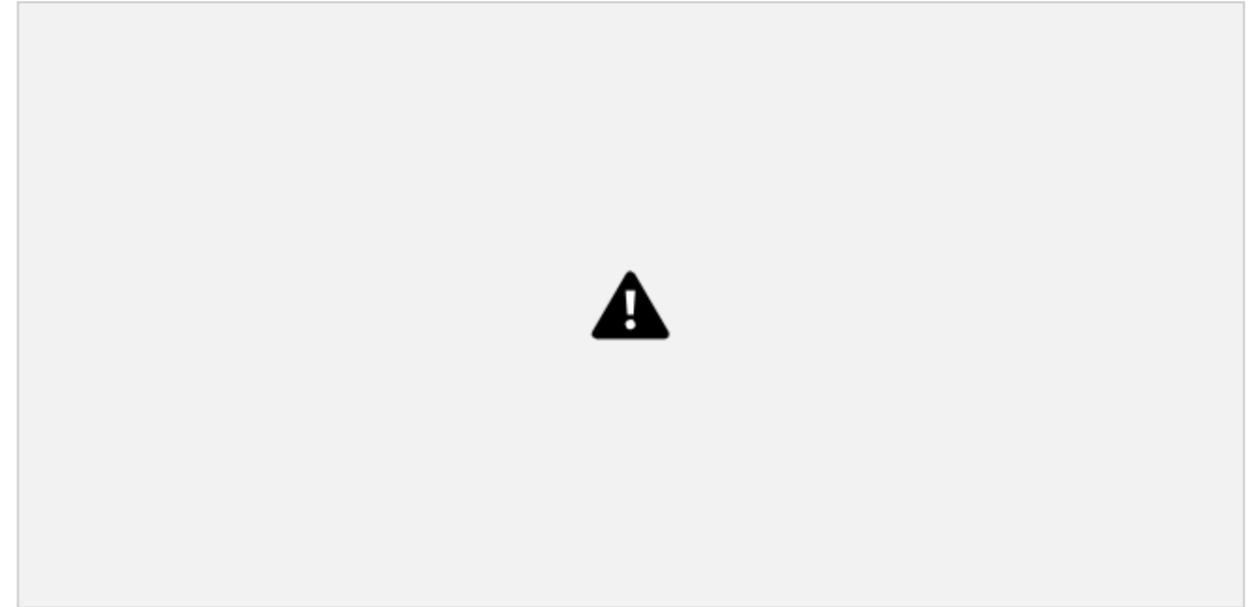
Relatos de uma aprendizagem

dia essa música me tocou diferente. Isso me gerou o texto e o grafismo dos anexos 1 e 2. Eu já havia lido o prefácio de Eduardo Viveiros de Castro, portanto já tinha muita expectativa desse novo caminho que se abria, na floresta. E essas produções se seguiram como ritual para iniciar minha leitura. O livro *A Queda do Céu*, foi publicado em 2010 pelo francês Bruce Albert, curiosamente publicado primeiro em francês, em 2010, e traduzido para a língua brasileira somente 5 anos depois. O livro é um misto de autobiografia do Xamã⁹ Davi Kopenawa, da tribo Yanomami, com o relato da história do povo yanomami, desde seu início, até os dias atuais, o texto foi concebido

acabar com

sua ignorância. Suas palavras são suaves, e ele demonstra muita paciência, em explicar o mundo, como foi criado por Omama. Todos os seres, sua magnitude e beleza, ele fala também de Yosi irmão de Omama que desperta o lado mau dos seres. É a cosmogênia Yanomami, explicada detalhadamente pelo autor. Representei um pouco dessa criação do mundo, através de pinturas representativas dessa passagem em duas cabaças.

⁹ Xamã = espécie de sacerdote de algumas etnias indígenas, possui poder de cura



A Queda do céu – tinta sob cabaça

Relatos de uma aprendizagem

Segundo a cultura Yanomami, Omama criou as florestas, os animais e o Sol, e seu irmão Yoasi criou a Lua, a morte e as doenças. Omama teve uma esposa, ele a pescou, ela é filha de Tëpërësiki o ser do fundo das águas. Omama copulou com ela e eles tiveram muitos filhos. A esposa de Omama, pediu que ele criasse uma maneira de proteger seus filhos. Assim, Omama criou os xapiris para proteger seus filhos, afugentando os seres maléficos. Omama soprou yãkoana nas narinas de seu filho, e fez dele o primeiro Xamã, foi o primeiro a fazer os xapiris aparecerem e dançarem.

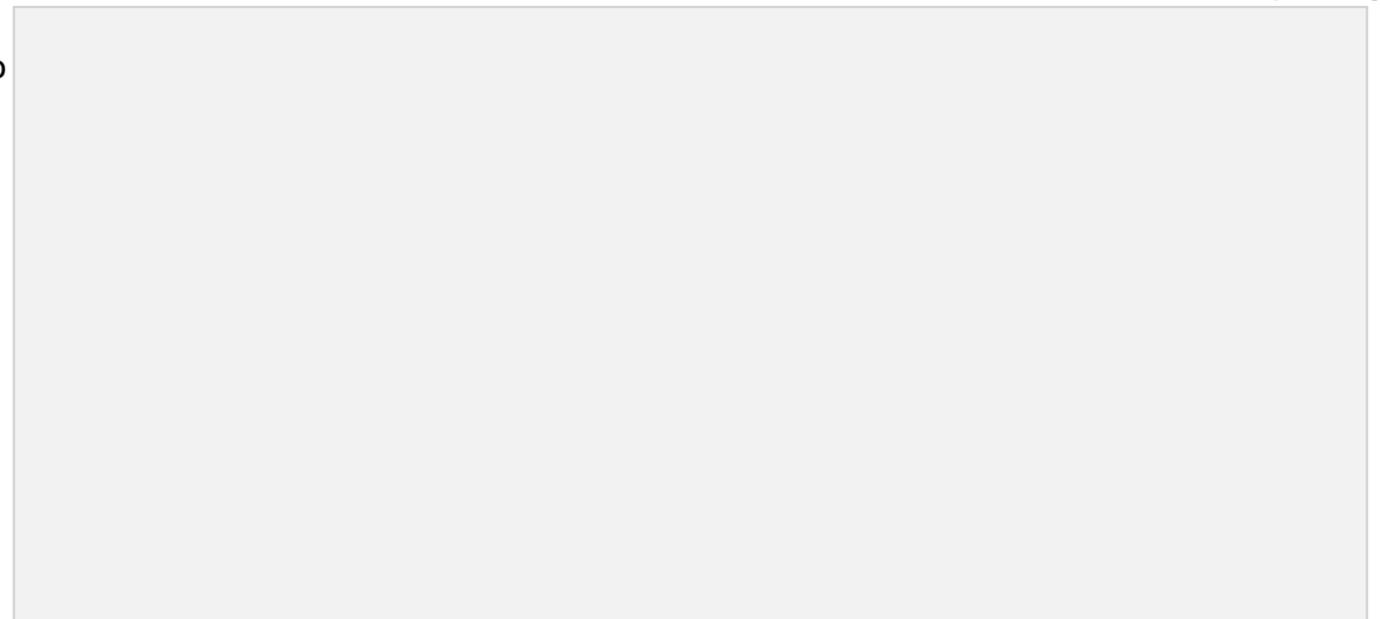
“No início, também não existiam os rios, as águas corriam debaixo da terra bem fundo. Só se ouvia seu ronco, ao longe, como o de fortes corredeiras. Certo dia, Omama trabalhava em sua roça com o filho, que começou a chorar de sede para matar - lhe a sede ele perfurou o solo com uma barra de metal. Quando a tirou da terra, a água começou a jorrar violentamente em direção ao céu e jogou para longe o menino que se aproximara para bebê-la. Lançou também para o céu todos os peixes, raias e jacarés. Subiu tão alto que um outro rio se formou nas costas do céu, onde vivem os fantasmas de nossos mortos. Em seguida, a água foi se acumulando na terra e começou a correr em todas as direções, formando os rios, os igarapés e os lagos da floresta.”

Trecho da criação dos rios e lagos do Livro a Queda do Céu pág. 82
(KOPENAWA, 2015)¹⁰

Representação da passagem como surgiram os rios e lagos, tinta sob cabaça

Relatos de uma aprendizagem

E é ainda dessa mesma maneira, que os Xamãs yanomami fazem em seus rituais, sopram nas narinas o pó yãkoana, e entram em transe para curar doenças. Durante o transe os Xamãs tem revelação de imagens de passado, presente e futuro e de muitos lugares da terra. E é dessa maneira que esses indígenas fazem suas viagens e obtém sabedoria para lidar com seus problemas e doenças. O autor Davi dedica boa parte do livro descrevendo os xapiris, que são muitos e de muitos tipos, com muitas funções e organizações distintas. Ele as explica detalhadamente, assim como explica como foi seu processo para virar Xamã. Essa parte da caminhada foi muito mágica, e seguindo suas descrições eu acabava recorrendo a minhas referências visuais baseada nos filmes



infantis, que mostram seres iluminados, como as fadinhas, mini moys, duendes e elfos.

“O chão dessa clareira é um grande espelho salpicado de penugem branca que cintila com uma luminosidade ofuscante. É tudo ao mesmo tempo magnífico e apavorante.

É nossa imagem que os Xapiris levam desse modo, para seus espíritos espelhos celestes. Enquanto isso nossa pele muito enfraquecida fica estendida na praça de nossa casa, na floresta. Então os espíritos extraviam nosso pensamento e nossa língua, para nos ensinar a sua. Depois nos dão a conhecer o desenho da floresta, para que possamos protegê-la. Os xapiris são estupendos resplandecentes, parecem muito pequenos e frágeis mas são muito poderosos. A partir de seus espelhos, revelam nos aproximação das fumaças de epidemia, dos seres maléficos da floresta ou dos espíritos do vendaval. Os brancos não conhecem isso. No entanto, é assim que, desde sempre nossos maiores têm se tornado xamãs, apenas seguimos seus passos.”

Trecho retirado página 142 – A queda do céu (KOPENAWA, 2015)¹¹

Xapiris – tinta sobre pele de tilápia
Relatos de uma aprendizagem

Em dado momento dessa caminhada, em que Davi (KOPENAWA, 2015) conta sobre a criação e formação do mundo, surge mais uma grande coincidência da humanidade. Ele também faz uma referência ao grande dilúvio, e como Omama recria a humanidade e separa os brancos dos indígenas.

“Os ancestrais de Hayowari se envolveram em uma confusão durante uma festa heahu, à qual tinham convidado seus aliados, para enterrar as cinzas dos ossos de um dos seus. Um grupo depois inalar grande quantidade do pó de yãkoana passou-se algum tempo e os homens foram formando pares, agachados cara a cara, para iniciar um diálogo yãimuu. Submetidos ao poder de yãkoana, todos logo ficaram muito exaltados. Batiam nos flancos com a palma da mão para pontuar as palavras. Ao cabo de algum tempo, sua raiva aumentou tanto que começaram a se alternar dando socos no peito um dos outros. Um grupo de convidados formou-se para atacar um dos anfitriões, que tinha ficado isolado. Do outro lado da casa, a mãe dele, mulher idosa começou a insultá-los furiosamente, para defendê-lo. Depois, chamou aos berros o marido da filha para vir acudir o cunhado. O rapaz ainda estava recluso num recinto de folhas yipi hi com a esposa, que acabara de ter a primeira menstruação. Ao ouvir o chamado da sogra, saiu correndo para vingar o cunhado, sem pensar no perigo. A floresta ainda era jovem naquele tempo. Por isso, assim que o rapaz saiu da reclusão, o ser do caos Xiwãripo

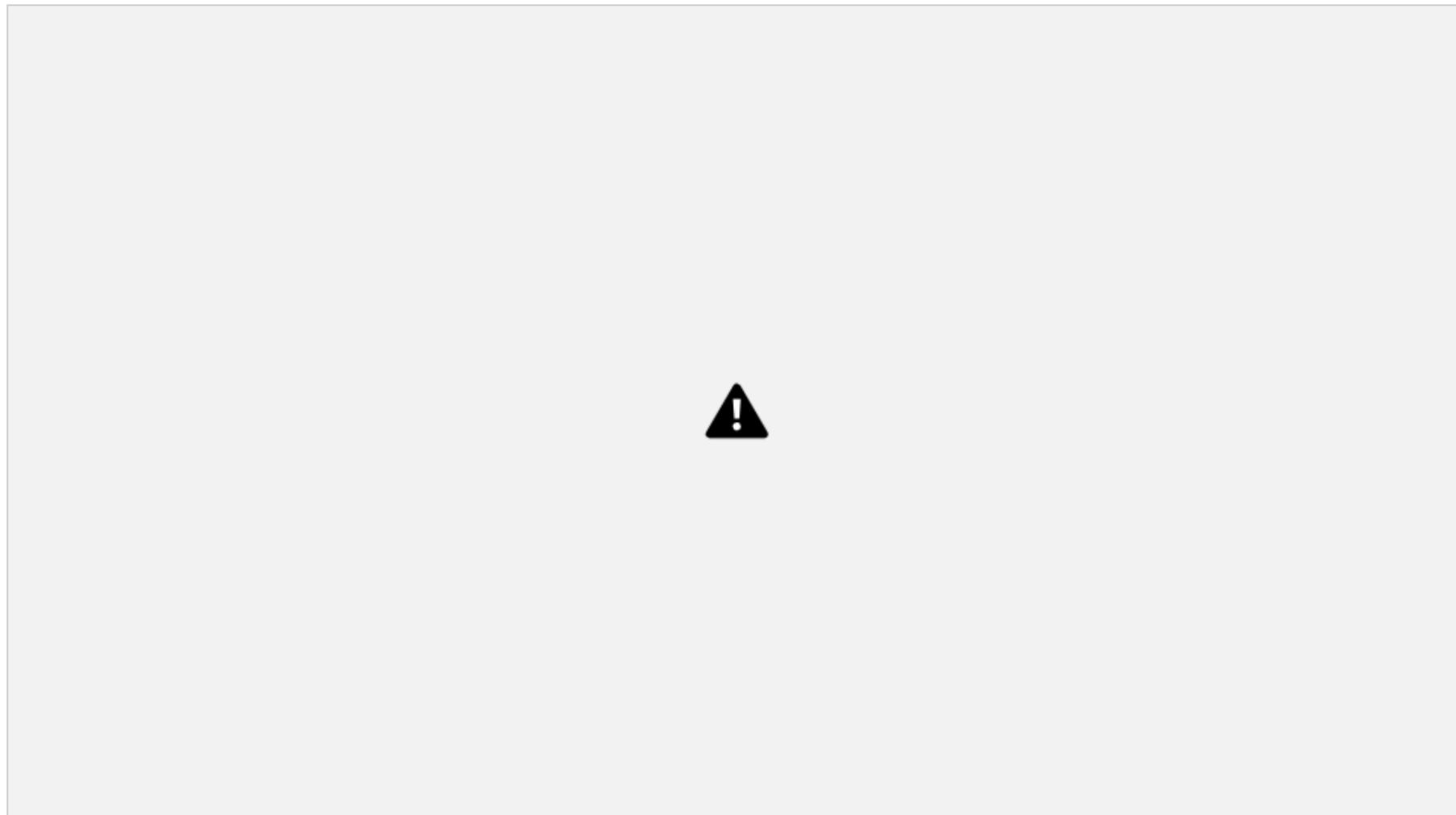
começou a amolecer e a desfazer a terra ao redor dele. Então, de repente o rio do mundo subterrâneo irrompeu com toda a força, abrindo um enorme rasgo no chão. Num instante uma violenta torrente cobriu toda a floresta ao redor, e despedaçou a casa da gente de Hayowari.

Foi mesmo aterrador! Todos foram levados pela força das águas rio abaixo. Alguns tentaram fugir pra floresta: viraram veados, outros tentaram subir nas árvores: se metamorfosearam em cupinzeiros. A maior parte se afogou, ou foi comida por ariranhas e enorme jacarés pretos. É por isso, que ainda hoje, os Xamãs, tem de trabalhar para impedir que a água de muturu uri venha a jorrar de debaixo da Terra. O enorme buraco de onde ela emergiu em Hayowari, no tempo antigo ainda é visível nas terras altas, apesar de ter sido coberta pela floresta. É possível vê-lo de avião, nas nascentes do Orinoco e dos rios Catrimani e Parima.

Essas águas que surgiram com tanta violência do chão, em seguida fizeram uma longa curva, descendo as colinas para se espalhar longe pela floresta, em direção ao nascer do sol. Quando atingiram um lugar onde as terras ficam planas, ventosas começaram a girar com rapidez num enorme redemoinho. Depois foram aos poucos perdendo a velocidade e o movimento delas foi se acalmando. Ficaram assim desde então imóveis, formando um lago vasto como o céu. É o que os brancos chamam de mar.”

Trecho retirado página 233 livro A queda do Céu (KOPENAWA, 2015)¹²

Relatos de uma aprendizagem



Recriação da espécie humana – através das espumas com diferentes tonalidades – argila tingida
Relatos de uma aprendizagem

Considerações Finais

A experiência dessa pósgraduação, me trouxe a experimentação de que a educação quando vivida com liberdade, entusiasmo e desejo, nos faz querer aprender mais, pesquisar, praticar, repassar o que se aprende. Nestes dois anos o aprendizado não foi só com os professores e colegas, foi com a cidade, com seus caminhos e seus percursos, com sua paisagem, com suas praças, com suas ruas, com seus terrenos e paisagem. Foi de aprendizado com a “natureza urbana”, a natureza do litoral e a natureza da serra. Foi um aprendizado sobre ver o mundo com outras lentes, com a lente do caminhante e do indígena. Aprendi que podemos expressar nossos aprendizados através de várias linguagens, através de desenhos, escultura, pinturas, imagens, poemas e sentimentos. Aprendi que podemos conhecer outros povos não só em viagens, em livros, filmes, contos, entrevistas, mas na pele. E que esse conhecimento pode nos levar a nos conhecer melhor, conhecer nossas raízes e ancestralidade. Pode nos fazer pensar no mundo que vivemos hoje, e no mundo que queremos viver. Aprendi que quanto mais vemos dos povos originários, mais admiramos a natureza, e percebemos o quanto nos distanciamos dela. Comecei esse curso, numa casa que me atraiu muito por propor uma aprendizagem diferente começando pelo lugar, por compartilhar cômodos, compartilhar rotinas, louças e alimentos. E terminei em outra casa, a casa que hábito. Que virou um lugar que compartilha trabalho, escola, atelier e lar. Onde neste momento compartilho meu trabalho, com a vida escolar de meus filhos, meu projeto da pós com os afazeres domésticos e também é o único lugar de lazer possível no momento.



Tenho muito a aprender ainda, e isso é bom.

Citações

⁴ JECUPÉ, Kaka Werá. A terra dos mil povos: história indígena brasileira contada por um índio. São Paulo: Peirópolis, 1998. pag. 21 ⁶ JECUPÉ, Kaka Werá. A terra dos mil povos: história indígena brasileira contada por um índio. São Paulo: Peirópolis, 1998. pag. 71 ⁷ TORRES, ANTÔNIO. Meu querido canibal. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000. Pag. 60

⁸ KOPENAWA, Davi ; ALBERT, Bruce. A queda do Céu: palavras de um xamã. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. pag. 81 ¹⁰ KOPENAWA, Davi ; ALBERT, Bruce. A queda do Céu: palavras de um xamã. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. pag. 82 ¹¹ KOPENAWA, Davi ; ALBERT, Bruce. A queda do Céu: palavras de um xamã. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. pag. 142 ¹² KOPENAWA, Davi ; ALBERT, Bruce. A queda do Céu: palavras de um xamã. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. pag. 233

Anexos

Anexo 1





Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

JECUPÉ, Kaka Werá. A terra dos mil povos: história indígena brasileira contada por um índio. São Paulo: Peirópolis, 1998

JOSSO, Marie Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. traduzido por Maria do Carmo Monteiro Pagano. Artigo publicado na revista Educação. Porto Alegre/ RS, 2007 p. 413-438

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

KOPENAWA, Davi ; ALBERT, Bruce. A queda do Céu: palavras de um xamã. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. NEGRO, Maurício. Nós uma antologia de literatura indígena. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019. PAPPANI, Angela. Povo verdadeiro: os povos indígenas no Brasil. 1ª edição. São Paulo: Ikorê, 2009.

POZZOBON, Jorge. Vocês, brancos não tem alma: histórias de fronteiras. 2ª edição. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2013. RIOS, Terezinha Azeredo. Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade. 8 edição São Paulo: Cortez, 2010. TORRES, ANTÔNIO. Meu querido canibal. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

VIEIRA, Pedro Almeida. Assim se pariu o Brasil. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

Filme: EX-PAJÉ. Direção: Zelito Viana. Brasil / 1h 21min /1979

Filme: TERRA dos índios. Direção: Luiz Bolognesi. Brasil / 1h 45min /2018 Documentário

DIÁLOGOS NA MÁRIO: A vida é sonho com Sidarta Ribeiro e Kaká Werá Jecupé transmitido em 22 de maio de 2020 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PHckv5XgoaE&t=3820s>>

GUERRAS DO BRASIL.DOC episódio1 – 07/08/2019 Net Flix <<https://www.youtube.com/watch?v=VeMISgnVDZ4>>

INDÍGENA NO BRASIL HOJE: COMO É? – Ellorahaonne transmitido em 30/10/2018 <<https://www.youtube.com/watch?v=9lvQ4VKqvsI&t=4s>>

PAPO DAS 9# - André Trigueiro e Ailton Krenak Ideias para adiar o fim do mundo transmitido em 04/04/2020 <<https://www.youtube.com/watch?v=IrimVptFCqw>>

SELVAGEM ciclo de estudos sobre a vida, Conversa SELVAGEM - Ailton Krenak e Marcelo Gleiser, transmitido ao vivo em 20 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xelAI7GDOefg>>

UNESPAR | Kaká Werá Jecupé – pandemia ancestralidade e a cura da humanidade, transmitido ao vivo em 20 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=14RGVodOhuA>>